


Teologia da cultura, carne e carnaval

Theology of culture, flesh, and carnival

 <https://doi.org/10.23925/ua.v26i42.e61402>

Michel Eriton Quintas¹

Resumo

As manifestações culturais são fundamentais para a compreensão do fenômeno religioso, sobretudo a partir da percepção de que sociedade e religião se interpelam mutuamente. Aqui, pensar a música é encontrar possibilidades de apreensão das interfaces da cultura com a teologia. No presente artigo, propomos uma interpretação do carnaval por meio da Teologia da Cultura para elucidar esse círculo hermenêutico religião-música-sociedade. Para tanto, contemplamos os (a) pressupostos teóricos; (b) um breve panorama histórico; e (c) uma atenção voltada aos sambas-enredos. Vemos de modo crítico confluências entre esses objetos representativos do círculo hermenêutico para descrevermos a realidade e apontarmos cenários razoáveis de futuro. O itinerário revela potencialidades e limites.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Antropologia da Música; Teologia e Sociedade; Samba-enredo

Abstract

The cultural manifestations are fundamental for understanding the religious phenomenon, especially from the perception that society and religion interrogate each other. Here, to think about music is to find possibilities for apprehending the interfaces between culture and theology. In this article, we propose an interpretation of carnival through the Theology of Culture. In this sense, our objective is to elucidate this religion-music-society hermeneutic circle. For that, we contemplate the (a) theoretical assumptions; (b) a brief historical overview; and (c) attention focused on samba-plots. In this way, we critically see confluences between these representative objects of the hermeneutic circle to describe reality and point out reasonable scenarios for the future. The itinerary reveals potentialities and limits.

Keywords: Ethnomusicology; Anthropology of Music; Theology and Society; Samba-plot

1 Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná  000—0003-4299-8510, michela.quintas@pucpr.edu.br

Introdução

Em nossas pesquisas, temos insistido nas manifestações culturais como elementos de fundamental importância para o entendimento do fenômeno religioso, a partir da percepção de que a sociedade e a religião se interpelam mutuamente. De um lado, as questões sociais compõem o escopo de atuação das instituições religiosas, mesmo que em perspectiva de conflito e, do outro, as experiências e teorias oriundas do campo das crenças também passam pelo campo dos conhecimentos *ad extra* de outras ciências que não a teológica². Quando nos debruçamos sobre a música, sobretudo de origem popular, encontramos possibilidades de reconhecer o que falta aos dois campos e que pode ser apreendido em suas próprias interfaces.

Em momentos distintos, somamos esforços na tentativa de concretizar esse campo de estudos reconhecendo sua relevância inclusive para aquelas teorias exaustivamente dogmáticas. Afirmamos que “as manifestações artísticas hodiernas [...] podem ser assumidas pela reflexão teológica e, em simultâneo, valorizadas por ela como instrumento que possibilita os caminhos do diálogo” (QUINTAS, 2022, p. 195). Lançamos mão da Teologia da Cultura em Paul Tillich como aporte de todas as considerações que fizemos por reconhecermos a religiosidade como um campo simbólico-político relacionado com todos os sentidos culturais (TILlich, 2009, p. 267-268; TADA, 2010, p. 68). Pudemos trabalhar com a obra de algumas cantoras brasileiras e levantamos importantes questões³.

2 Aqui, nossa compreensão de Teologia enquanto ciência se dá pelo conceito de ciência hermenêutica/de interpretação. Sua epistemologia evidentemente dialoga com a Ciência da Religião, mas apresenta limites claros em relação a ela. Embora não seja o caso de ampliar a discussão sobre seu estatuto fundamental e da fé como pressuposto, nossa perspectiva difere de uma leitura estrita de que as crenças são dados de análise, mas não o objeto delas.

3 Resultados podem ser acessados em: QUINTAS, Michel Eriton. Da teologia da cultura à antropologia teológica na obra de Elza Soares. *Correlatio*, v. 21, n. 1, p.193-213, 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1036909>; e QUINTAS, Michel Eriton. Ninfomaniaca e imaculada: intuições teológicas na obra de Alice Caymmi. In: PINHEIRO, Beatriz de Oliveira et al. *Anais do IX Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. Belo Horizonte*: PUC Minas, 2022. p.75-83. Disponível em: <http://portaleventosacademicos.pucminas.br/index.php/coloquioreligecultura/9coloquiopregliaoeocultura/schedConf/program>.

Agora, num novo momento, propomos uma reflexão correlata: a possibilidade de uma Teologia da Cultura que ao mesmo tempo interpreta o carnaval e se deixa por ele formatar. Nosso objetivo é o de alcançar possíveis interpretações do círculo hermenêutico religião-música-sociedade. Para tanto, contemplamos (a) alguns pressupostos teóricos; (b) um breve panorama histórico; e (c) uma dedicação voltada aos sambas-enredos das escolas, com especial atenção aos que apresentam elementos da religiosidade brasileira. Desse modo, vemos com críticas aproximações, distanciamentos e confluências com o intento de descrever a concretude da realidade e apontar para cenários razoáveis de futuro.

1 Da etnomusicologia aos estudos de religião

O estudo da música como expressão de identidade não é recente como se poderia imaginar. O campo da etnomusicologia possui mais de um século de existência. Segundo Nattiez, Coelho e Lacerda (2020, p.418-420), seu germen é a análise de escalas não harmônicas estranhas à cultura do ocidente proposta por John Ellis em 1885. Depois, no final do século XIX, um grupo de pesquisadores erigem uma primeira escola, em Berlim, interessados pelos processos mentais ligados à música, com objetivos experimentais/comparativos/descritivos que culminaram na teoria da evolução musical e na ideia de preservação das culturas tradicionais. Quando desenvolvido nos Estados Unidos, o campo passa a valorizar a observação etnográfica em detrimento do viés histórico, ainda que a historicidade não seja desconsiderada por completo.

Teorias mais recentes proporcionaram a reaproximação entre a musicologia e a etnografia, tanto que em 1950 a disciplina passa a ser oficialmente *etnomusicologia*, sobretudo na medida em que “a dimensão antropológica dos estudos musicais adquire cada vez mais importância” (NATIEZ; COELHO; LACERDA, 2020, p. 421). Como supõe Bastos (2018), para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem o humano, podemos afirmar que o campo é responsável pelos estudos da

música de diversos grupos étnicos e comunidades culturais de todo o mundo. Oscilando, ao longo de seu percurso histórico, entre a análise científica de sistemas musicais e a descrição etnográfica de seus contextos socioculturais (NATTIEZ; COELHO; LACERDA, 2020, p.417).

Nesse sentido, vemos que a música há muito tem sido considerada nos estudos antropológicos, sendo o contrário verdadeiramente igual. Portanto, contornando os problemas metodológicos que daí derivam e fogem à nossa competência, vemos um processo que expressa e abarca todos os campos da vida e atua na assimilação, ressignificação, conservação e alteração das tradições e significados coletivos (SILVA, 2018, p. 310; PINTO, 2001, p. 228-229).

Podemos afirmar que a música é expressão de um universo simbólico e diz respeito às práticas sociais e aos contextos culturais de onde surgem, quiçá também de onde se expressam. Ela é relevante para a descrição da realidade, mas também para a compreensão das formas e dos elementos estruturantes das diferentes sociedades. No Brasil, há muito que dizer e analisar da música popular, do funk, do samba e dos sambas-enredos, ainda que nossa pretensão teológica, diferente dos etnomusicólogos, não seja a análise primeira de timbre, cadência, compasso, harmonia entre outros.

Dentro dos estudos de religião, a arte tem sido cada vez mais incluída como *locus theologicus*. Aqui, a ideia de clássico em David Tracy poderia ser citada como aquilo que “comunica ao humano algo de sua própria humanidade” (TRACY, 2004, 2012, p. 35-38; ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 473; TILLICH, 2009, p. 115). Ou considerar a importância também da antropologia da literatura (por que não da música?) e dos estudos desenvolvidos desde a teoria de Antonio Manzatto para a teologia (cf. VILLAS BOAS, 2022).

De todo modo, como elemento de significado individual e coletivo, feito constante da antropologia, a arte lança luzes sobre o que há de mais público e compartilhável tanto entre as interfaces dos saberes como na busca por sentido (ZEFERINO; FERNANDES, 2020, p. 474-475). Assim, vemos na música questões com potencial de nos impulsionar “em direção a um horizonte mais plenamente humano” (VILLAS BOAS, 2020, p. 44).

Insistimos na etnomusicologia enquanto possibilidade de captar a monumentalidade e o progresso que apontam para sua ordenação material-sensível. E depois, sob a qual

se assentam a interioridade e a universalidade, transformando-a em “um supremo tipo de sensibilidade – não do coração, mas da alma –” (BASTOS, 2018, p. 58-60). Isso em perspectiva também histórico-filosófica, que há muito tem olhado para a música não como ferramenta de reprodução da realidade, mas como possibilidade de fazer ressoar a intimidade e a subjetividade (HEGEL, 2002, p. 278-279; elaborado por: BASTOS, 2018, p. 58).

Nesse contexto é que consideramos fazer *teologia da cultura*. Além de, obviamente, oferecer elementos para o diálogo com a Ciência da Religião, já que a mesma compreensão de que o imaginário teológico interpela e reflete a sociedade, importa também do ponto de vista do fenômeno, sobretudo aos indivíduos sob o mesmo campo culturalmente religioso como no caso Brasil. A presente reflexão pode interessar a muitos contextos sociais, mesmo nos quais não se professam uma fé, mas se vivem sob o signo de suas influências públicas.

2 Teologia da cultura, sociedade e carnaval

As preocupações descritas acima encontram, em certa medida, consonância na obra de Tillich. Tal direcionamento da arte para questões ontológicas acompanha a formação daquela corrente que hoje conhecemos por existencialismo, a saber: inicialmente como importante elemento do pensamento humano, depois como revolta diante da sociedade industrial/mecanicista do século XIX e, por fim, como espelho para a dimensão sensível do ser humano no século XXI (TILLICH, 1987, p. 90).

Em termos dessa terceira ênfase, Tillich recorda que mesmo aquela expressão artística sem estilo e sem conteúdo religioso se expressa, acerca da interpretação última da existência humana, em termos de manifestar alguma presença de Deus, que está igualmente inserido no campo secular e no campo do sagrado (TILLICH, 1987, p. 93-94). Nosso objeto de pesquisa transita entre os elementos que o teólogo sustentou acerca dos aspectos existencialistas da arte moderna. Carnaval é isso, mas pode ser outra coisa também.

Para Paul Tillich, há outros níveis de relação entre arte e religião. O primeiro e mais básico já explicitamos. Mas o segundo e o terceiro (*religious style, non-religious content* e *non-religious style, religious content*) são apropriados para nós; contornando, ainda, um quarto nível (*religious style, religious content*). A menção religiosa com o intento de construir uma narrativa histórica e a narrativa histórica com o objetivo de prestar homenagem a uma tradição religiosa coexistem entre sambas-enredos, desfiles, escolas de samba e blocos populares.

Reafirmamos a pertinência de nossas análises na busca não só da vitalidade por elas expressas, mas, também, tanto na música quanto nas artes visuais, daquelas informações encerradas abaixo da superfície. Nas entranhas: criatividade e dinamicidade, estranhamento e desespero, finitude, ausência e presença de sentido (TILLICH, 1987, p. 94-98). Logo, porque elaborados não pela via da pertença religiosa, mas pela própria existência/condição humana, todos os conceitos anteriormente apresentados aparecem e dialogam com/entre indivíduos crentes e não crentes. Desse modo é que pretendemos, então, elaborar o círculo hermenêutico a partir do carnaval⁴.

Essa festa chega ao Brasil por intermédio de portugueses⁵, inicialmente com o nome de “entrudo”. Mas aquela iniciativa popular inclusive entre escravizados/as rapidamente se tornou objeto de repressão, sobretudo na medida em que a livre manifestação era vista como ensaio para rebeliões e levantes (CARVALHO; MADEIRO, 2005, p. 167). Nas primeiras décadas do século XX, a classe média se apropriou da festa, fundando suas agremiações.

4 Etimologicamente, pode-se falar de carnaval, carnestolendas e antruejo (SOIHET, 1998, p. 2). “Carnaval é apresentado como ‘época do ano durante a qual se come carne, em oposição à quaresma’. Mais popular era a forma carnestolendas que prevaleceu até há pouco no castelhano, tendo aparecido nas crônicas medievais. Corresponde ao período que as carnes deviam ser afastadas, referindo-se a uma fase preliminar, anterior aos jejuns. Apresenta sentido similar a uma denominação espanhola clássica do carnaval: antruejo variação do latim introitus e companheira do português entrudo” (SOIHET, 1998, p. 2-3).

5 É importante saber que há múltiplas abordagens de historiadores e cientistas sociais acerca da(s) origem(ns) do carnaval. Soihet (1998, p. 2) discute o conflito entre uma motivação única e/ou múltiplas motivações para a existência da festa. Em sua análise, a autora destaca o pensamento de Baroja, a partir do qual, nutre-se a ideia de que o carnaval germinou a partir das “manifestações populares do mundo ibérico”, sendo “filho dileto do cristianismo”, ainda que tenha incorporado “valores pagãos da vida”.

O surgimento dos blocos, no luxo ou na singeleza, indicava a origem social dos componentes. Assim, o movimento de trânsito da rua aos clubes e vice-versa se intensificou e permanece até a atualidade, em 2023 (CARVALHO; MADEIRO, 2005, p. 168; 169-173). Depois, dominado também pela lógica do mercado, o carnaval se consolidou como local de reafirmação da dominação da sociedade. Para Carvalho e Medeiros (2005, p. 177), do mesmo modo ainda, mais do que como palco de liberação da repressão e da liberdade.

Se de um lado a crítica é importante, de outro não se pode, em virtude dela, desistir da análise do ambiente simbólico subjacente. Assim, nos aproximamos de perspectivas subversivas conscientes de que elas coexistem com interesses elitistas no intento de fomentar transformações, como reflexo da organização social em geral. Quando pensamos na representação da religião no universo carnavalesco, nem sempre as perspectivas correspondem aos interesses hegemônicos da sociedade ainda muito prosélita.

Com Tada (2010, p. 72), pudemos pensar o *ethos* do samba como *anti-ethos*. Agora temos a possibilidade de compreender a “malandragem” que lhe é característica não apenas como comportamento criativo e livre, mas como oposição que não corresponde aos costumes impostos para estabelecer alguma fidelidade ontológica consigo mesmo (cf. VIDAL, 2013, p. 114; TILLICH, 2005, p. 162). “O malandro, afinal, é um personagem que transita [...] e se adapta” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 82). Alguém cuja sabedoria se lê no viés, nos cruzos e frestas.

Para Simas e Rufino (2018, p. 18), esses conceitos ajudam na compreensão da tradição das macumbas – e do carnaval – porque apresentam a possibilidade do saber “onde a vida seja percebida a partir da ideia de cruzamento de caminhos”, “contra a tendência de normatização e planificação dos modos de ser das mulheres e dos homens no mundo contemporâneo”.

O samba-enredo de 2010 da Imperatriz Leopoldinense é reflexo do que queremos explicitar. Com o título de *Brasil de todos os deuses*, a letra retrata o Brasil com fidelidade, o país é “da cor da miscigenação/ de tanto Deus, tanta religião. Pro povo, feliz, cultural” (SAMBAS..., 2009, 69min.). E completa: “o índio dançou em adoração, o branco rezou na cruz do cristão, o negro louvou o seus Orixás. E a luz de Deus é a chama da paz” (SAMBAS..., 2009, 69min.).

Desse modo, não se trata mais de uma perspectiva exclusivamente teológica ou de uma teologia católica, mas de posições radicalmente fundadas na diversidade de corpos, de crenças e de comunidades que passam pela vida de formas diferentes, cruzando em um lugar comum de existência: voltados para a integridade e para o reconhecimento de suas dimensões sociais e simbólicas.

Somente assim o ser humano pode se expressar, aprender e fazer folia. Trata-se do movimento da pedagogia das encruzilhadas, que educa para a subversão dos ritmos, das constâncias, que acha “soluções imprevisíveis e [cria] maneiras imaginativas de se preencher o vazio, com corpos, vozes, cantos” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 19).

3 Dos sambas-enredos

A relação do carnaval com a religião não é recente e Clara Nunes talvez tenha sido sua melhor intérprete. *Portela na avenida*, repleta de alegorias, quase transforma o carnaval em celebração eucarística:

Portela, eu nunca vi coisa mais bela./ Quando ela pisa a passarela/ e vai entrando na avenida,/ parece a maravilha da aquarela que surgiu,/ o manto azul da padroeira do Brasil,/ Nossa Senhora Aparecida,/ que vai se arrastando/ e o povo na rua cantando./ É feito uma reza, um ritual,/ é a procissão do samba abençoando/ a festa do divino carnaval./ Portela, é a deusa do samba, o passado revela/ e tem a velha guarda como sentinela/ e é por isso que eu ouço essa voz que me chama./ Portela, sobre a tua bandeira esse divino manto,/ tua águia altaneira é Espírito Santo/ no templo do samba./ As pastoras e os pastores/ vêm chegando da cidade e da favela/ para defender as tuas cores/ como fiéis na Santa Missa da capela./ Salve o samba, salve a santa, salve ela,/ salve o manto azul e branco da Portela/ desfilando triunfal sobre o altar do carnaval (MEUS..., 1995, 53min.).

Quanto ao retrato cultural que o carnaval oferece acerca da religiosidade brasileira, vemos, portanto, um caráter diverso, plural, de todos, com tônica inclusive contra hegemônica. Vem-nos à memória também o episódio envolvendo a Arquidiocese do Rio de Janeiro e a imagem de Cristo mendigo de Joãozinho Trinta para a Beija-flor em 1989. Em contraponto ao catolicismo conservador, que já naquela época dividia espaço com os movimentos de libertação latino-americanos, a imagem é colocada no desfile coberta de sacos de lixo, carregando uma faixa com a inscrição “mesmo proibido, olhai por nós!”.

Vê-se, então, que nem todos os espaços ocupados pelas escolas de samba e pela festa do carnaval servem aos interesses das minorias dominantes. As religiões de matriz afro-ameríndias são referências ímpar em praticamente todos os desfiles. Também não são poucas as referências cristãs, ou mesmo espíritas, como no desfile da Gaviões da Fiel que, em 2023, homenageara a religiosidade, em vistas de perspectivas de combate ao racismo religioso, em que Chico Xavier foi uma das figuras de destaque.

Depois, o samba-enredo de 2020 da Portela, *Guajupia, terra sem males*, é reflexo também da importância dos saberes ancestrais e religiosos dos povos indígenas. “Índio pede paz, mas é de guerra. Nossa aldeia é sem partido ou facção. Não tem bispo, nem se curva a capitão” (SAMBAS..., 2019, 69min.). Nessas e em outras manifestações, vemos a tentativa de conquista dos ideais de autonomia, libertação, respeito e possibilidade de aprendizado por meio do diálogo.

Em 2015, a Imperatriz homenageia Nelson Mandela. Com o enredo *Axé, Nkenda!* profetiza na avenida: “Sagrada busca por justiça e liberdade. E com a arte eu semeio a verdade. O despertar para um novo amanhecer deixo de herança um novo jeito de viver. Vamos louvar o canto da massa, unindo as raças pelo respeito. Vamos à luta pelos direitos” (SAMBAS..., 2014, 69min.). Aqui, vemos que a religiosidade carnavalesca é acompanhada da luta por pautas identitárias e antirracistas.

Mais do que isso, a festa que outrora foi manifesto do espírito profano, agora só inicia com as bênçãos. Para o enredo de 2017 da Mangueira, cujo título é *Só com a ajuda do santo*: “já benzi minha bandeira, bati três vezes na madeira para a vitória alcançar. No peito patuá, arruda e guiné, para provar que o meu povo nunca perde a fé. A vela acesa pro caminho iluminar, um desejo no altar, ou no gongá. Vou festar com a divina

proteção” (SAMBAS..., 2016, 42min.). Aqui, as noções desenvolvidas por Tillich apontam para a religiosidade que, muitas vezes oculta, exige leitura atenta do interlocutor. Trazida à tona, sai das entrelinhas ao encontro do ser humano (TADA, 2010, p. 76).

Depois, para Menezes e Pereira (2021, p.3):

Os conteúdos simbólicos reconhecidos como religiosos são apropriados sob a lógica própria da competição e da expressividade carnavalesca, gerando situações tanto de convergência quanto de divergência entre atores do mundo do carnaval e das religiões no país. Tal procedimento produz o interessante efeito de colocar em questão os próprios limites do domínio religioso, permitindo considerá-lo em sua dinâmica efetiva, sem lhe projetar contornos predefinidos.

As investidas do então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que também é bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, servem de exemplo⁶. Sua gestão, marcada pela mudança nos mecanismos de financiamento com justificativas advindas da pauta religiosa/política da direita conservadora, foi alvo de reivindicações (MENEZES; PEREIRA, 2021, p. 4). O samba-enredo *Com dinheiro ou sem dinheiro...*, também da Mangueira, mas em 2018, adverte: “Eu sou mangueira, meu senhor. Não me leve a mal, pecado é não brincar o carnaval” (SAMBAS..., 2017, 75min.). As festas e religiosidades populares resistem a seu modo. Confirma a letra de Namastê, a estrela que habita em mim saúda a que existe em você: “Bendita seja a Santíssima Trindade, em Nova Délhi ou no céu Tupiniquim” (SAMBAS..., 2017, 75min.).

⁶ Marcelo Bezerra Crivella é um político brasileiro filiado ao partido Republicanos desde 2005. Foi prefeito do Rio de Janeiro de 2017 a 2021. Sua trajetória política, também nos mandatos de Senador e Deputado, é marcada por estratégias de apagamento das periferias. Programas como Cimento Social e Tolerância Zero foram amplamente criticados devido aos objetivos de urbanização e melhores condições de moradia estarem atrelados aos interesses do setor privado e culpabilização da população pelos desastres climáticos. Pode-se pensar que também os cortes de repasses públicos para o carnaval compõem a mesma organização estratégica de silenciamento das manifestações que reprovavam seu mandato.

Considerações Finais

Por fim, apesar da análise demasiadamente positiva, reconhecemos os desafios e conflitos em torno do carnaval, bem como as experiências que dentro dele, após sua “mercantilização”, oferecem movimento de resistência ética aos mecanismos de controle de conduta. Fazemos votos por uma religiosidade que não mais justifica a intolerância, o ódio e o racismo religioso. Para tanto, fomentamos a ideia de religião cristã cujo Cristo é aquele do último samba-enredo mencionado: um Jesus endereçado à beleza da festa e preocupado com o sofrimento daqueles que somam vozes como foliões:

Manguieira, vão te inventar mil pecados,/ mas eu estou do seu lado e do lado do samba também./ Manguieira, samba, teu samba é uma reza/ pela força que ele tem/ [...] Nasci de peito aberto, de punho cerrado./ Meu pai carpinteiro, desempregado./ Minha mãe é Maria das Dores Brasil./ Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira,/ me encontro no amor que não encontra fronteira./ Procura por mim nas fileiras contra a opressão/ e no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão./ Eu “tô” que “tô”, dependurado, em cordéis e corcovados,/ mas será que todo povo entendeu o meu recado?/ Porque, de novo, cravejaram o meu corpo/ os profetas da intolerância./ Sem saber que a esperança/ brilha mais na escuridão./ Favela, pega a visão, não tem futuro sem partilha,/ nem messias de arma na mão./ Favela, pega a visão, eu faço fé na minha gente/ que é semente do seu chão./ Do céu deu pra ouvir/ o desabafo sincopado da cidade./ Quarei tambor, da cruz fiz esplendor/ e ressurgi no cordão da liberdade. (SAMBAS..., 2019, 69min.).

Assim, concluímos reconhecendo que o itinerário foi capaz de contemplar a proposta. Num primeiro momento, argumentamos pela pertinência do estudo da música como expressão do humano, vimos a preocupação germinal da etnomusicologia e, depois, como esse objeto pode aparecer nos estudos da religião. Recorremos à Teologia da Cultura e nos aproximamos da história do carnaval.

Debruçamo-nos sobre os sambas-enredos para notar como a religiosidade tem se manifestado na contemporaneidade, passando pelos conflitos para chegar a uma

religiosidade de dinâmicas orgânicas que partem do pressuposto da inclusão. Aqui, o carnaval pode ser lembrete saudável de que Deus pode estar junto daqueles que, excluídos da sociedade, brilham na Sapucaí (SINNER, 2023, *on-line*). A teologia da cultura floresce ao debruçar-se sobre a carne e o carnaval.

Retomamos, aqui, as ideias de malandragem e de cruzo. São esses os lugares sociais de sabedoria a serem considerados também em Teologia. As transgressões dos cânones encontradas nos sambas enredo não são sua negação, mas uma possibilidade de encanto ao cruzá-lo com outras perspectivas, são parte de uma educação para a emancipação e contra os binarismos por meio da pedagogia da encruzilhada (SIMAS; RUFINO, 2018, p.19).

Por fim, ressaltamos os limites da proposta que, mesmo ensaiados os elementos importantes, é preciso mais tempo e espaço para uma definitiva consolidação desse campo dentro da linha de pesquisa de Teologia e Sociedade.

Referências

BASTOS, Rafael José de Menezes. Esboço de uma antropologia da música: Para além de uma Antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. *Anuário Antropológico*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 9–73, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6552>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CARVALHO, Cristina Mélia Pereira de; MADEIRO, Gustavo. Carnaval, mercado e diferenciação social. *Organizações & Sociedade*, [S. l.], v. 12, n. 32, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10769>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética*. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle, v. 3. São Paulo: EDUSP, 2002.

MENEZES, Renata de Castro; PEREIRA, Edilson. Imagens da religião em um carnaval da Mangueira. GIS - Gesto, Imagem e Som. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185745>. Acesso em: 27 mar. 2023.

MEUS PENSAMENTOS. Intérprete: Clara Nunes. Rio de Janeiro: EMI, 1995. 1 CD (53 min.).

NATTIEZ, Jean-Jacques; LACERDA, Marcos Branda; COELHO, Lucas de Lima. Etnomusicologia. *Revista Música*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 417-434, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/176385>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 44, n. 1, p. 222-286, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27128>. Acesso em: 23 mar. 2023.

QUINTAS, Michel Eriton. Da teologia da cultura à antropologia teológica na obra de Elza Soares. *Revista Correlatio*, São Bernardo do Campo, v. 21, n. 1, p. 193-213, 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1036909>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SAMBAS DE ENREDO – 2015. Vários Intérpretes. Rio de Janeiro: Gravadora Escola de Samba, 2014. 1 CD (69 min.).

SAMBAS DE ENREDO DAS ESCOLAS DE SAMBA: CARNAVAL 2010. Vários Intérpretes. Rio de Janeiro: Gravadora Escola de Samba, 2009. 1 CD (69 min.).

SAMBAS DE ENREDO DAS ESCOLAS DE SAMBA 2018. Vários Intérpretes. Rio de Janeiro: Gravadora Escola de Samba; Universal Music International, 2017. 1 CD (75 min.).

SAMBAS DE ENREDO DAS ESCOLAS DE SAMBA 2020. Vários Intérpretes. Rio de Janeiro: Editora Musical Escola de Samba; Universal Music International, 2019. 1 CD (69 min.).

SILVA, Jonathan Lambert. A etnomusicologia sob um olhar contemporâneo. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 7, n. 2, p. 302–311, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/12498>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SINNER, Rudolf von. *The devil's parade. Counterpoint: Navigating Knowledge*: 2023. Disponível em: <https://www.counterpointknowledge.org/the-devils-parade/>. Acesso em: 5 set. 2023.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia: algumas abordagens. *Revista Tempo*, n. 7, p.1-15, 1998. Disponível em: http://gladiator.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg7-8.pdf. Acesso em: 6 set. 2023.

TADA, Elton Vinicius Sadao. Que samba é esse malandro? Uma análise teológico-existencial de sambas de Cartola a partir da teologia da cultura de Paul Tillich. *Revista Correlatio*, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 8, p. 66-78, dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ms/index.php/COR/article/view/2395/2384>. Acesso em: 12 dez. 2022.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. *On art and architecture*. New York: The Crossroad Publishing Company, 1987.

TRACY, David. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

TRACY, David. A teologia na esfera pública: três tipos de discurso público. *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 122, p. 29-51, 2012. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1590>. Acesso em: 12 dez. 2022.

VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecida: Editora Santuário; São Paulo: Paulinas, 2003.

VILLAS BOAS, Alex. O método antropológico no diálogo entre Teologia e Literatura em Antônio Manzatto. *Revista de Cultura Teológica*, n. 95, p. 24-48, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/46974>. Acesso em: 12 dez. 2022.

ZEFERINO, Jefferson; FERNANDES, Marcio Luis. O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal. *Teoliterária – Revista de Literaturas e Teologias*, [S.l.], v. 10, n. 21, p.470-497, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/50754>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Submetido em 27/03/2023

Aprovado em 10/10/2023